

REDAÇÃO

ORIENTAÇÕES GERAIS (ATENÇÃO)

1. Nesta prova, siga as orientações abaixo e utilize, caso necessário, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a Folha Definitiva da Prova de Redação, no local adequado.
2. Use, no mínimo 10 e, no máximo, 25 linhas. O candidato que não cumprir com esta determinação será penalizado com a perda de 10 pontos.
3. Não serão consideradas as redações que contenham qualquer assinatura ou marca identificadora.
4. Os textos apresentados para alimentação temática contêm informações que podem subsidiar sua proposta de redação e ajudá-lo a desenvolver o seu texto. Consulte-os e, se for o caso, utilize-os, sem, no entanto, transcrevê-los.
5. As redações feitas a lápis serão desconsideradas.
6. Se as instruções relativas ao tema não forem seguidas, a redação será anulada.
7. Caso você dê um título à sua redação, a linha não será computada entre as 10 ou as 25 exigidas.
8. Seu texto deverá ser em prosa (ordenação por paragrafação), sendo desconsiderado qualquer texto construído em verso.
9. A sua redação será avaliada levando-se em consideração a adequação ao gênero solicitado, coerência e coesão e respeito à norma culta.
10. Vale ressaltar que não será avaliado nenhum fragmento de texto escrito em local indevido.

PRODUÇÃO ESCRITA

Sabemos que a crônica é um gênero textual que circula, sobretudo, nas esferas literária e jornalística, que tem relação com a ideia de tempo e consiste no registro de fatos do cotidiano. Autores de crônicas levantam discussões sobre a importância do trabalho na vida das pessoas, sobre a incompetência dos governos em resolver o problema do desemprego, da saúde, da segurança etc. A crônica é caracterizada por ser uma narrativa que, normalmente, possui marcas argumentativas voltadas para a criticidade. Às vezes, é escrita em tom humorístico.

Para melhor situá-lo, leia o trecho de uma crônica de Fernando Sabino.

A Última Crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

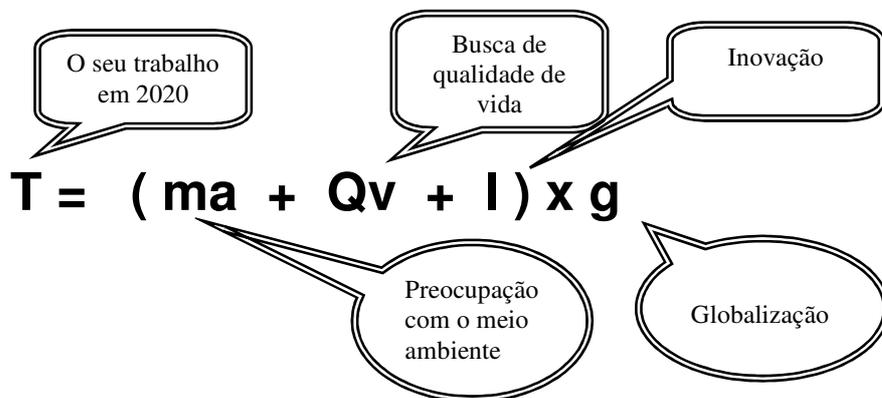
Ao fundo do botequim um casal acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma menininha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.[...]

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. [...]. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido, vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso. Fernando Sabino. Texto extraído do livro "A Companheira de Viagem", Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1965, pág. 174. (Texto com recorte e adaptação)

Assim, tomando como apoio os fragmentos de textos que seguem abaixo, construa uma crônica cuja temática seja: **TRABALHAR POR DINHEIRO E/OU POR PRAZER.**

Texto 1



O futuro do trabalho

[...] Para começar, esqueça essa história de emprego. Em dez anos, emprego será uma palavra caminhando para o desuso. O mundo estará mais veloz, interligado e com organizações diferentes das nossas. Novas tecnologias vão ampliar ainda mais a possibilidade de trabalhar ao redor do globo, em qualquer horário [...]. Para que as empresas vão pedir nossa presença física durante oito horas por dia se podem nos contatar por videoconferência a qualquer instante? [...] O emprego vai acabar. Vamos ter que nos adaptar. Mas o que vai surgir no lugar dele é mais racional, moderno e, se tudo der certo, mais prazeroso.

O futuro do trabalho. In: Revista Galileu, nº 216, julho, 2009, p. 46 a 48. (Texto com adaptação).

Texto 2

Você é o seu trabalho

Trabalhar por prazer, com liberdade e férias em qualquer período do ano. Parece uma utopia, ou no mínimo, algo incapaz de pagar as contas no fim do mês. Mas o profissional de 2020 vai ser alguém exatamente assim, que manda na sua profissão e não trabalha por dinheiro, mas por amor [...]. Na busca por essa essência, entra em jogo o conceito de vocação laboral, ou seja, uma espécie de chamado íntimo que direciona a profissão de acordo com as preferências pessoais. E antes que alguém fale que esse formato de trabalho é incapaz de gerar lucros, basta lembrar que o tempo de aposentadoria estará diminuindo gradativamente e as jornadas de trabalho misturando-se cada vez mais à vida pessoal. Ou seja, quem estiver em uma profissão que não proporcione alegria e prazer vai ter um problema longo e difícil pela frente. E, quanto menos motivação, menos dinheiro no banco [...].

Você é o seu trabalho. In: Revista Galileu, nº 216, julho, 2009. p. 51. (Texto com adaptação).

Texto 3

| TRABALHO | | | | | | | | |
|----------|---|---|---|---|--|---------------------------|-----------|------------------|
| | Escritórios | Aposentadoria | Mulheres | Empresas | Seleção | Geração no poder | Motivação | Área em expansão |
| 2009 | Presença física na empresa por varias horas por dia | Após idade/limite ou tempo de contribuição a previdência | Ganham menos que os homens e ocupam menos cargos executivos | Grandes companhias centralizam a tomada de decisões | Com base no currículo concursos e indicações | Nascidos nos anos 60 e 70 | Dinheiro | Tecnologia |
| 2020 | As próprias casas serão locais de trabalho | As pessoas vão se aposentar mais tarde ou continuar trabalhando | Ganharão maior espaço nos escalões mais altos das empresas | Descentralizado comum conjunto de pequenas empresas | Empresas rejeitarão funcionários fumantes e obesos | Mileniais (80 e 90) | Prazer | Meio ambiente |

Você é o seu trabalho. In: Revista Galileu, nº 216, julho, 2009. (Texto com adaptação).

FOLHA DE RASCUNHO

01 _____

05 _____

10 _____

15 _____

20 _____

25 _____

- a) Conforme o texto, que tipos de modificações são introduzidas no mundo ocidental como resultado da industrialização da produção?
- b) Apresente pelo menos três (3) situações indicativas das precárias condições de trabalho dos operários brasileiros no final do século XIX e início do século XX.
- c) Como destaca o texto, os operários brasileiros se organizavam para enfrentar as difíceis condições de trabalho. Cite duas (2) dessas formas de organização e caracterize uma delas.

RASCUNHO

Transfira a versão final para o formulário próprio

QUESTÃO 3

“A história de Mazagão [atual Mazagão Velho] está diretamente relacionada à expansão política de Portugal na África e das lutas decorrentes da tentativa de dominação cristã sobre o Islamismo naquele continente.” (GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ. IEPA. **Mazagão**: realidades que devem ser conhecidas. GEA/IEPA/SEMA/MMA: Macapá, 2005).

Com base no texto e em seus conhecimentos sobre o processo descrito no texto e sobre a criação da Vila de Mazagão (atual Mazagão Velho) faça o que se pede.

- a) Caracterize a situação que levou o Rei D. José I a ordenar a retirada das famílias residentes na Mazagão africana.
- b) Em 1771 começaram a chegar as famílias retiradas da Mazagão africana para a vila de Nova Mazagão (hoje Mazagão Velho). Indique uma atividade econômica e uma atividade sócio-cultural implantadas em Nova Mazagão com a vinda dessas famílias.

RASCUNHO

Transfira a versão final para o formulário próprio

LÍNGUA INGLESA

LIFE, LIBERTY, AND THE PURSUIT OF HAPPINESS.



Andrew Sullivan - Provincetown, Massachusetts .
As heard on NPR's *Morning Edition*, July 4, 2005

Although born and raised in England, writer Andrew Sullivan turns to America's Declaration of Independence to find his beliefs rooted in the principles of "life, liberty and the pursuit of happiness."

I believe in life. I believe in treasuring it as a mystery that will never be fully understood, as a sanctity that should never be destroyed, as an invitation to experience now what can only be remembered tomorrow. I believe in its indivisibility, in the intimate connection between the newest bud of spring and the flicker in the eye of a patient near death, between the athlete in his prime and the quadriplegic vet, between the fetus in the womb and the mother who bears another life in her own body.

I believe in liberty. I believe that within every soul lies the capacity to reach for its own good, that within every physical body there endures an unalienable right to be free from coercion. I believe in a system of government that places that liberty at the center of its concerns, that enforces the law solely to protect that freedom, that sides with the individual against the claims of family and tribe and church and nation, that sees innocence before guilt and dignity before stigma. I believe in the right to own property, to maintain it against the benign suffocation of a government that would tax more and more of it away. I believe in freedom of speech and of contract, the right to offend and blaspheme, as well as the right to convert and bear witness. I believe that these freedoms are connected — the freedom of the fundamentalist and the atheist, the female and the male, the black and the Asian, the gay and the straight.

I believe in the pursuit of happiness. Not its attainment, nor its final definition, but its pursuit. I believe in the journey, not the arrival; in conversation, not monologues; in multiple questions rather than any single answer. I believe in the struggle to remake ourselves and challenge each other in

